

Nome: Silmara Malta Silva Rocha

Instituição: FALC – Faculdade da Aldeia de Carapicuíba

Curso: Pedagogia

Orientador: Me. José João de Alencar

Título: Leitura e Reflexão sobre o Livro Fernão Capelo Gaivota

Fernão Capelo Gaivota

Ao verdadeiro Fernão Capelo Gaivota que vive em todos nós.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca,
não aprendo nem ensino.” (Freire, P.)

Resumo:

Este escrito tem como objetivo levar o leitor através dos pensamentos de Bach, a uma reflexão pessoal, sobre seus projetos, seus sonhos, seus desafios. Não se trata de uma reflexão de autoajuda, mas de um texto claro que busca romper com as barreiras que nos impedem de voar, rumo aos nossos sonhos.

Escrito, pensando nos educadores, que ao terminarem sua graduação, estão cheios de sonhos, buscando a melhor metodologia, pensando em qual didática usar, mas que ao se deparar com a realidade das escolas públicas do nosso país, ao se deparar com as barreiras, são impulsionados a abortarem seus sonhos e se renderem a condição imposta.

Espera-se que, este trabalho, consiga ressuscitar nos educadores a vontade de voar, e de ensinar a arte do voo a tantos, que sedentos esperam, encontrar seus audazes treinadores.

Palavras Chave: Gaivota, sonhos, quebrar barreiras, alcançar sonhos, superar limites.

Introdução

Escrito por Richard Bach, ex-piloto reserva da força aérea americana, nascido em 23 de junho de 1936, *Fernão Capelo Gaivota*, é um livro que nos traz a história de uma gaivota que amava voar, mas pela condição imposta pela sociedade gaivotista, deveria se sujeitar a maneira de vida do bando. Ensinados e moldados a viverem pura e simplesmente para sobreviver, sendo que, para isso não seria nunca necessário voo mirabolante, bastava o simples, com a finalidade de conseguir o alimento.

Em qualquer lugar onde procuremos o significado de gaivota, encontraremos algo parecido com: “Uma gaivota passa grande parte de seu tempo voando sobre a superfície da água, em busca de comida, ou andando pela praia catando bichinhos e restos que encontra.” (Kick Educação/ Dicionário dos Bichos).

Assim seria, se Fernão fosse uma simples gaivota, resignada a sua condição. Mas ele queria mais, ele era mais. Ignorou o “espírito de manada”. Ele tinha um sonho, e os sonhos são individuais, não sonhamos em “bando”. Para alcançá-lo foi preciso quebrar barreiras, dizer NÃO, as vozes que lhe impunham limitações.

Fernão Capelo Gaivota, não se trata nem de longe de um livro de autoajuda, como podem até pressupor alguns, trata-se de uma história de garra, superação, determinação, de um ser que “fazendo a leitura do seu mundo”, com ousadia decidiu reescrevê-lo.

Parte I

Insatisfeito com sua vida limitada, e ao mesmo tempo, fascinado pelos voos velozes do falcão e pelos voos noturnos das corujas. Sentindo-se desafiado, pelo que esses voos traziam de um mundo desconhecido, acreditar, que ele apenas voava para comer, parecia-lhe um despautério.

A história começa quando o bando de Fernão é despertado para mais um dia de trabalho, voar para comer. Isso para Fernão era inadmissível. Enquanto o bando se engalinhava por conta de alguns peixes, ele treinava. Seu objetivo era ultrapassar seus limites. O bando por sua vez, ignorava as aspirações de Fernão,

aceitavam sem questionar a condição imposta, gaivotas não voam como falcões, fim da história.

Não para ele, os porquês lhe atormentavam!

Porque não posso ter voos noturnos como as corujas, que apreciam as estrelas e lua? Porque não posso voar rápido como os falcões, porque não posso dar voos rasantes como os pelicanos? Por quê?

Ser um ser questionador estava em sua natureza!

Muitas vezes somos como o bando de gaivotas, assumidos, conformados com as limitações impostas pela sociedade, como se fossemos entalhados em pedra, incapazes de reescrever nossa própria história.

Por ser questionador, renovador, audacioso, Fernão, muitas vezes pagou alto preço. Foi ridicularizado, pelos tombos que levou, mas nunca permaneceu caído. Foi julgado, condenado e banido do bando.

Agora, estava por sua própria conta e risco, se empenhando para por em terra o ditado popular que diz: "Pau que nasce torto, morre torto." Ele nasceu gaivota, com um tipo de voo previamente designado, mas sabia que podia ir além, estava disposto a "tentar".

Por vezes temos sonhos, desejamos ir além, mas basta uma simples palavra negativa, e a incorporamos como sendo a mais pura verdade, e como um bando de gaivotas, enterramos nossos sonhos, matamos nossos desejos. Mas quem foi que disse que não podemos? Quem? Nossos medos talvez. O medo de não ser aceito, o medo de fazer papel de bobo, o medo de cair e ter que enfrentar alguns olhares no levantar, o medo...

Fernão, num ato de coragem, rompe com o materialismo simplista e com aquele pensar conformista e limitado das gaivotas. Impávido entrega-se a sua paixão pelo voo, pelas acrobacias, sem ainda perceber o verdadeiro sentimento que o impulsionava, ou seja, a liberdade, a superação e significação da vida.

Duros dias acompanharam Fernão depois de renegado pelo bando, mas o que mais doía nele, era a negação de seus companheiros em querer crescer, em querer evoluir! Esses dias de solidão, também trouxeram a Fernão inesquecíveis experiências. *“Aprendeu que um eficiente mergulho a grande velocidade lhe dava o peixe raro e saboroso que vivia três metros abaixo da superfície do mar.”*

É preciso coragem para ousar romper barreiras, é preciso determinação para quebrar regras, para poder saborear o gosto bom das paixões alcançadas.

Parte II

Depois de muito tempo, vivendo sozinho, descobriu prazeres antes inimagináveis. Não precisava mais de barcos de pescas, nem pão duro, restos na praia? Nem pensar! Podia escolher os melhores peixes, a melhor comida, associada ao maravilhoso prazer dos melhores voos.

Através da descoberta do controle interior, pode voar e subir acima dos nevoeiros para um céu estonteante de claridade, enquanto seus companheiros de bando ficavam em terra e conheciam apenas neblina e chuva.

Tudo o que ele desejava para o seu bando, ele tinha só para si. Aprendeu a voar, pagou o preço sem arrependimento.

“Fernão Gaivota descobriu que o tédio, o medo e a ira são as razões por que a vida de uma gaivota é tão curta, e, sem isso a perturbar-lhe o pensamento, viveu de fato uma vida longa e feliz.”

Finalmente Fernão Capelo Gaivota, transcende a outro nível. Durante um de seus voos, ele é surpreendido por duas gaivotas, que voam com a perfeição que até então, era exclusiva dele. Quando ele as questiona sobre quem são, elas lhe respondem: “Somos do seu bando”, vamos para casa!

Quando nos permitimos novos voos, também nos abrimos para novas companhias, nos permitimos conhecer o bando, do qual, por escolha, não por imposição, fazemos parte!

Fernão chega então ao que ele deduz ser o “Paraíso”. Cercado de outras gaivotas que partilham da mesma paixão pelo voo, ele descobre que ainda tem muito há aprender.

Dotado do que ele chama de novo corpo, as limitações que antes eram gritantes, agora eram superadas com muito mais facilidade, e isso o deixava em êxtase.

Assim como Fernão, à medida que caminhamos no processo de aprendizagem, à medida que vamos adquirindo conhecimento, vamos nos soltando, os mundos antes assustadores, passam a ser fascinantes e fontes de prazer.

Nesta nova etapa Fernão conhece Chiang, um mestre, do qual se tornou aluno especial, por sua persistência e capacidade de aprendizagem. Com o mestre aprendeu voos inacreditáveis, mas também recebeu o maior desafio de sua vida. Desenvolver a bondade e o amor.

[...] E então estará preparado para começar o mais difícil, o mais poderoso e o mais divertido de tudo. Estará preparado para voar no além e conhecer o significado das palavras “bondade e amor”.

Gaivotas experientes, ensinando as gaivotas dedicadas. Inicia-se aqui uma relação quase sagrada, que expressa uma ligação pura existente entre o educador e o seu educando. O processo de aprendizagem que une o professor experiente ao aluno dedicado. Relação onde a cumplicidade torna o processo uma troca, onde o que se ensina é novamente aprendido por aquele que ensinou.

Quando Chiang é elevado ao nível superior, Fernão se sente por um momento, desprotegido e incapaz de continuar o caminho sem seu mestre. Natural, mas logo encontra seu equilíbrio e passa a ensinar seus discípulos com um amor altruísta, que o leva a olhar para o seu antigo bando com compaixão e amor.

Diante desse novo sentimento Fernão propõe aos seus discípulos, que são todos banidos como ele, que voltem ao seu antigo bando, e os ensine a maravilhosa arte de voar!

“Vocês querem voar tão alto a ponto de perdoar o bando, aprender e voltar a eles um dia e trabalhar para ajudá-los a se conhecerem?”

Após grande relutância, Fernão, parte sozinho para o grande desafio. Sua atitude, seu desprendimento em favor do próximo, e seu compromisso com o educar, falam auto, e seus discípulos o seguem.

Parte III

Assim como Fernão era o aluno dedicado de Chiang, Francisco Coutinho Gaivota era o aluno dedicado de Fernão. Ali se eternizavam os educadores, um no outro.

Ao pensar nas palavras que seu mestre Chiang lhe dissera antes de partir, *“Fernão, continua a trabalhar o amor”*, ele entende que a verdadeira liberdade só acontece quando o espírito é capaz de perdoar, para poder buscar seus novos caminhos sem mágoas que possam lhe pesar na caminhada. Entende que a evolução passa pela experiência de tornar-se um professor, não bastando, portanto, o trabalho intenso enquanto aluno dedicado.

Foi por ter alcançado esta consciência que Fernão Capelo Gaivota, volta ao bando, decidido a provocar o desejo do conhecimento.

Do mesmo modo que Fernão se sentiu incapaz, Francisco Coutinho Gaivota se sentia, mas assim que Fernão transcende para um nível superior, ele entende que nele os ensinamentos do mestre continuariam, a busca pela ideia de ilimitada liberdade, não morreria jamais.

Inicia-se então um novo ciclo, Chiang, Fernão, eternizados em Francisco, e em muitos outros que virão. O conceito de liberdade, de amor e perdão, estava sendo transmitido às novas gerações de gaivotas. Francisco havia aprendido com Fernão que não havia limites, e então pensou,

“Não há limites Fernão!?. Bem, então não está longe o dia em que aparecerei na sua praia e lhe mostrarei uma ou duas coisas acerca de voo! “

“Não há limites Fernão? Pensou e sorriu. A sua corrida para a aprendizagem acabava de começar”.

Conclusão

Inegável o prazer que senti ao fazer esta leitura. Quando estava desolada, começando a acreditar que havia chegado a minha limitação, me encontro com Fernão Capelo Gaivota, frágil por natureza, severamente condicionado pela sociedade, porém, dotado de intrepidez, repleto de sonhos, incansável na busca!

Desafiando-me a ir além dos meus limites, e a valorizar meus sonhos.

Impossível não trazer à memória Paulo Freire, um dos mais talentosos Pedagogos do século XX.

Assim como Fernão, também pagou o preço por seu sonho, em 1964 foi “banido” do bando, preso por traição, exilado no Chile desenvolveu seu trabalho como Pedagogo, voou alto e deu ao Chile o reconhecimento da UNESCO pelo

combate ao analfabetismo. Após a anistia política Freire volta ao Brasil, já era 1.980. Dezesesseis anos haviam se passado, mas Freire, assim como Fernão não parou de ensinar, não parou de aprender, e graças a isso deixou-nos um exemplo riquíssimo, que reflete no proceder de muitos educadores, que assim como ele consideram a utopia atingível!

A vida tem sido generosa comigo, me permitindo conhecer educadores comprometidos que sabem ...*“que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”,(Freire,P.)*, educadores que entendem que *“Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção.” (Freire,P.)*

Ai de nós, educadores e educadoras, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis!

(Freire,P.)

Paulo Freire deixou escrito: “O educador se eterniza em cada ser que educa”!

A todos os meus educadores minha eterna gratidão.

REFERÊNCIAS

BACK, R. Fernão Capelo Gaivota: Ao verdadeiro Fernão Capelo Gaivota que vive em todos nós.

